



LHM

POESIA SEMPRE: COSMOPOLITISMO, BRASILIDADE E HISTORIOGRAFIA DO PRESENTE LITERÁRIO

Carina Ferreira Lessa*¹

*Universidade de São Paulo (USP)

e-mail: lessa.carina@gmail.com

Resumo: Este artigo apresenta um breve mapeamento das produções literárias inseridas na revista *Poesia sempre*, da Biblioteca Nacional, a partir de um projeto desenvolvido no IEB/USP, que busca as implicações sobre temáticas, estéticas e influências que a perpassam desde o volume inicial sobre a Semana de Arte Moderna (1993) aos modernismos que dela emanaram. Procura-se apontar alguns traços cosmopolitas ali presentes, na medida em que a revista possui como mote a vontade imperativa de dialogar com países vizinhos e de outros continentes. No que tange à representação da cultura em seus significados compartilhados, apresenta-se um diálogo com Stuart Hall levando em consideração as investigações do pesquisador em contato com Barthes, Foucault e Saussure, dentre outros. Por fim, reivindica-se um olhar do passado incorporado no presente em meio a tantas produções contemporâneas em que a literatura parece ganhar novo escopo político e estético. Para tanto, o projeto parte das reflexões de François Dosse (2012), no sentido de transitar por arquivos recentes não hierarquizados, tendo como base o êxito da pesquisa ao dialogar com diferentes áreas do conhecimento, dentre elas, a própria Literatura. Com isso, a *Poesia sempre* se coloca como mola propulsora inicial para tal investimento que reafirma a importância da pluralidade em diferentes espaços de atuação.

Palavras-chave: Poesia sempre. Cosmopolitismo. Brasilidade. História da poesia brasileira.

Poesia sempre: cosmopolitanism, brazilianess and historiography of the literary present

Abstract This article presents a brief mapping of the literary productions included in the magazine *Poesia sempre*, from the Biblioteca Nacional, based on a project developed in IEB/USP, that seeks implications on themes, aesthetics and influences that have permeated it since the initial volume on Semana de Arte Moderna (1993) to the modernisms that it emanated. Wanted to point out some cosmopolitan features present there, insofar as the magazine's motto is the imperative desire to dialogue with neighboring countries and other continents. Regarding the representation of culture

¹ Doutora e mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ e graduada em Letras pela mesma instituição. Atualmente, desenvolve projeto de pós-doutorado no IEB/USP. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3461034578325607>. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0242-8006>.



in its shared meanings, a dialogue is presented based on Stuart Hall taking into consideration the researcher's investigations in contact with Barthes, Foucault and Saussure, among others. Finally, A view of the past incorporated into the present is demanded amidst so many contemporary productions in which literature seems to gain a new political and aesthetic scope. To this end, the project is based on the reflections of François Dosse (2012), in the sense of moving through recent non-hierarchical archives, based on the success of the research in dialoguing with different areas of knowledge, among them, Literature itself. With this, *Poesia sempre* stands as the initial driving force for such investment that reaffirms the importance of plurality in different spaces of action.

Keywords: *Poesia Sempre*. Cosmopolitanism. Brazilianness. History of Brazilian poetry.

Poesia sempre

Este artigo apresenta resultados obtidos em projeto de pesquisa realizado inicialmente na Unesa em 2022, e, hoje, estendido com novas proposições em projeto de pós-doutorado realizado no Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Lançada em janeiro de 1993, com um número voltado para poesia brasileira e poesia hispano-americana, a cargo do editor-chefe Antonio Carlos Secchin, a revista busca ser um espaço de debate amplo, “avessa a ser porta-voz de um grupo, de uma ideologia política ou literária, dos papos e papas e seitas que supõem deter a verdade do verbo, *Poesia sempre* deseja que em suas páginas ressoem a polifonia, a pluralidade” (Secchin, 1993, p. 7).

Desde abril de 2022, foram consultados mais detalhadamente 17 números da revista, no decorrer da primeira década, no período compreendido entre 1993 e 2002. A análise quantitativa busca mapear as produções por países e, na sequência, as categorias de gêneros textuais em que o olhar poético é articulado – a saber: poemas, ensaios, traduções, resenhas, depoimentos e entrevistas.

Observa-se que, nos dez primeiros números, há um intuito mais organizado quanto a abordagem por países e, num segundo plano, pela língua e sua expansão cultural em processo histórico de colonização. Além disso, há uma dedicação à produção ocidental que passa a oferecer fôlego ao Oriente a partir do número 14, como à poesia persa, japonesa, dentre outras.

Os dez primeiros números apresentam as seguintes temáticas centrais, respectivamente: poesia hispano-americana hoje; poesia portuguesa hoje (também com sutil início de presença da poesia africana de expressão portuguesa); poesia norte-americana hoje e o *boom* da poesia latino-americana; poesia alemã hoje; poesia francesa hoje; poesia italiana; poesia espanhola; poesia hebraica; poesia britânica no século XX; e poesia russa.



Destaca-se o impressionante avanço da revista *Poesia sempre* para fora dos limites geográficos do país nos primeiros números, o que motiva também a estrutura e organização dos sumários e temas nas abordagens subsequentes. O número I do Ano I, publicado em janeiro de 1993, demarca os setenta anos da Arte Moderna, mola propulsora interessante para o projeto, na medida em que arremessa os modernismos que inquietaram o ano de comemoração do centenário da Semana de 22. O lançamento, de modo indelével, evidencia as efetivas mudanças que o movimento de início no século XX proporcionou ao avanço da língua portuguesa em seus diversos matizes e da literatura pelo Brasil e pelo mundo. Afonso Romano de Sant'Anna, escritor e presidente da Fundação Biblioteca Nacional naquele momento, declara no número II: “isto é um gesto de política cultural interessada em aproximar o Brasil de seus vizinhos” (1993, p. 7).

A afirmação se pautava pela articulação com o tema sobre literatura hispano-americana e pelo sucesso obtido no lançamento imediato em Buenos Aires, Quito, Bogotá, Caracas, dentre outras cidades, com esgotamento dos exemplares em pouquíssimo tempo e com a seção denominada “Letrasul” que passa a compor a revista até o número 9, do Ano 6, em março de 1998. Já em fevereiro do Ano 2, é possível verificar a rapidez com que a revista se corresponde na ânsia de movimentar o debate artístico-poético, linguístico e cultural com outros países, principalmente latinos. O êxito do segundo exemplar fica a cargo dos convites para lançamento por parte da Casa de Poesia Pérez Bonalde (em Caracas); da Casa de Poesia Silva (em Bogotá); do terceiro Festival Internacional de Poesia (em Medellín); do primeiro Festival Hispano americano de Poesia (em Montevidéu); seguindo para outros encontros na Argentina, no Chile e no Equador.

Ressalta-se ainda a vivência democrática, para além das páginas, em eventos que articulam a revista com momentos decisivos de apreço pela revitalização da poesia oral, no encontro performático com um público amplo por meio de leituras no que se aponta como um verdadeiro corpo-a-corpo com o continente americano.

Sobre a segunda década, foram analisados 17 números, correspondendo ao período entre 2004 e 2012. Observa-se uma lacuna anual entre 2002 e 2004, ainda não se pode averiguar os motivos da ausência de publicação, que é expressa pela sequência dos números da revista (17-18). Ganha-se a partir do Ano 12 um fluxo constante de poetas brasileiros homenageados em dossiês – como Ferreira Gullar, Augusto de Campos, Adélia Prado etc.



Todos desenvolvidos com acuidade visual sobre as obras estudadas e apoiados por entrevistas concedidas em caráter inédito.

Juntamente com o foco em dossiês, são apresentados constantemente listas de poetas brasileiros contemporâneos fora do eixo Rio-São Paulo, tendo como outra marca a dedicação dos números a países específicos (Romênia, Angola, Moçambique, Arábia, Portugal, China, Peru, Sérvia, Polônia, Irã, Hungria, Índia e Islândia). Mais uma vez, fica evidente a vontade de transcender os limites brasileiros para os países vizinhos, bem como para outros continentes, sempre com uma riqueza impressionante de abordagens e de poetas ali inseridos.

No exemplar de número 23, Ano 13/2006, ao homenagearem Angola e Moçambique, há duas subdivisões para poetas, de ambos os países, que passaram a produzir desde a década de 1980. Apresenta-se 37 angolanos (dentre eles Paula Tavares, Agualusa e Ondjaki, hoje, notórios internacionalmente) e 30 moçambicanos.

Há ainda dois volumes que, fugindo à constante validação de países e dossiês, apresentam as temáticas “Mística e poesia” (Ano 16, n. 31, 2009) e “Minas Gerais” (Ano 18, n. 36, 2012). Segundo os editores, a mudança de perspectiva do primeiro se daria para a abertura do “diálogo com outras formas de sentir o mundo: a poética da transparência, como escreveu Leonardo Boff, para enriquecer o debate entre imanência e transcendência” (Luchesi, 2009, p. 7). Fora, inclusive, organizado pelo teólogo e escritor Faustino Teixeira. Já o segundo, nas mãos do editor Afonso Henriques Neto, sob a responsabilidade de assumir o cargo com volume dedicado à poesia brasileira, compõe o empreendimento partindo da divisão por Estados. A escolha de mote inicial em Minas se dá pela composição dos clássicos do nosso cânone com grandes nomes mineiros, dedica então o volume ao criador da revista e ex-presidente da Biblioteca Nacional: Afonso Romano de Sant'Anna, realizando uma grande entrevista.

Ao chegarmos à análise da terceira década, após o número 37, Ano 19, sob a temática “Poesia Ameríndia no Brasil”, percebemos que a revista ficara suspensa por uma década o que inviabilizou as intenções do editor Afonso Henriques Neto, como fora mencionado, sobre a vontade de compor o empreendimento partindo da divisão por Estados. Não fica claro o porquê de período tão longo de ruptura.

Recentemente, em julho de 2023, a revista retornou sob as mãos do curador Érico Nogueira com o título “Semana de Arte Moderna de 1922”, nome similar ao do primeiro



volume de 1993. Surge uma nova subdivisão do sumário denominada “Recuperação crítica”, na qual nos é reapresentado Solano Trindade – numa direta vontade de ressignificação do cânone, que permanece na edição de número 40, Ano 20/2023.

Para organização dos resultados do mapeamento, tem-se como base, desde 2022, os trabalhos realizados por Omar Khouri e Sergio Cohn, respectivamente, nos seguintes livros: *Revistas na era do pós-verso* (Ateliê, SP, 2004) e *Revistas de invenção* (Azougue, RJ, 2011). O primeiro destaca algumas revistas entre as décadas de 1970-1990, diante da preocupação em formar um público-leitor crítico e de expressar a importância das revistas como direção das correntes que viriam a se chamar poesia concreta e neoconcreta. Já o segundo, constrói a história das revistas desde o Modernismo ao século XXI, e inclui a *Poesia sempre*. Ambos os trabalhos refletem sobre a importância das revistas como demarcação de territórios ricos nos processos de novas propostas artísticas, tal qual encontramos nos estudos pioneiros de José Aderaldo Castello na USP desde a década de 1970.

Uma história da poesia brasileira e brasilidades

(...) quem pode ser ferido de morte a qualquer instante, em qualquer esquina da vida, é o poema. O poema precisa sempre da oxigenação vital da poesia. Somente a poesia infunde nova vida. A sorte do poema depende, em maior ou menor grau, da sua capacidade de conviver com a poesia. De suas possibilidades de, nesse jogo crispado de língua e linguagem, trazer da poesia para dentro do poema a desolação, o mal-entendido e a felicidade da vida do mundo. É assim a Poesia Sempre.

Eduardo Portela

Resta-nos, então, o consolo de traduzir o mundo através da palavra poética ao alcance do humano. A palavra que por sua transcendência e seu caos poético designa o que jaz no abismo da fala. Da fala pública e privada. Dos gabinetes e da casa. E que considera o cotidiano uma construção literária que ajuda a viver. E que propiciou a criadores e intérpretes nacionais formularem teorias e conceitos em torno do Brasil desde a sua fundação institucional. Ao lê-los, ausculta-se a matriz do ser brasileiro e aplicam-se suas máximas às vidas diárias. Pois que eles, enlaçados entre si, inculcaram saberes e concepções estéticas ao conjunto da sociedade. E assim, além de avivarem uma cidadania precária, ampliaram as noções cívicas, o cosmopolitismo latente, o sentido da cultura diante do desafio de ser universal.

Nélida Piñon



A tensão entre literatura e política faz parte da história da humanidade de ontem, hoje e também o fará no futuro. Sobre a cultura do Brasil especificamente, Machado de Assis atentara para o problema no século XIX a propósito das tendências identitárias que avançavam com pouca feição de fato nacional. O equívoco estava no fato de que ainda delegávamos aos extratos de leitura o hábito europeu, mesmo no intuito de uma possível marca indígena. Não havia por aqui um encontro com as múltiplas culturas e linguagens, sejam elas de ordem social ou religiosa, de modo que o nosso olhar simbolicamente não convinha aos moldes ilusórios do movimento romântico. Juntamente a isso, ao olhar crítico de Machado de Assis se coadunava a ansiedade de encontrar profícuo e profundo lastro em que se diminuíssem as distâncias entre as ideias e os talentos da atualidade literária. Um progresso que acusaria alentadamente um exame das nossas letras de forma igualitária e justa, tal remédio ao progresso político de acesso ao conhecimento e encontro de culturas engrandeceria todas as artes e a poesia, de forma que o ideal do crítico poderia atender à ciência literária.

Naquele momento, a produção artística se pautava somente pelas imagens europeias, não havia de ser diferente. Tal é a inquietação de Machado, ao dizer sobre a impossibilidade de representação, em ensaios como: “O passado, o presente e o futuro da literatura” e “O ideal do crítico”, a que o ensaísta e crítico contemporâneo Silviano Santiago irá se coadunar ao acentuar a análise em “Alegoria e palavra em *Iracema*”, denotando que “A par da reação política, a reação filológica, os românticos foram os primeiros a malbaratar sistematicamente a língua portuguesa da metrópole, usando modismos brasileiros ou palavras indígenas”. (Santiago, 2019, p. 171). O debate se amplia em função de nós não termos acesso de leitura aos textos produzidos pelos indígenas, a que os autores faziam apropriações sem de fato conhecer e desdobrar a cultura por eles produzidas. Silviano Santiago salva a expressão *Pyguara*, presente em *Iracema*, na qual, em carta a Dr. Jaguaribe, José de Alencar fala sobre o significado da palavra e sobre como o relaciona com o percurso do romance. A palavra significa “senhor do caminho” e ele diz: quem tem o dá. A associação é bonita e válida do ponto de vista poético, mas, ainda assim, invalida a própria imagem indígena, na medida em que a índia *Iracema* entrega o segredo da *jurema* ao branco colonizador, acentua o crítico sobre os desdobramentos da escrita alencariana. Juntemos a tais reflexões todos os estudos estruturalistas e pós-estruturalistas (do ponto de vista da filosofia da linguagem) que se



acentuaram desde o início do século XX. O aprofundamento em torno dos requisitos estéticos, também por parte do *New Criticism*, que chega ao Brasil pelas mãos de Afrânio Coutinho, atendem às ansiedades machadianas de mãos dadas com todas as correntes modernistas adensadas pela Semana de 22, a qual comemoramos o centenário recentemente.

Caminhando pelo caráter de brasilidade, tão problematizado pelos modernistas, em *Discurso fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*, Eni P. Orlandi organiza uma série de artigos de autores que problematizam expressões que passam, por meio do discurso, a definir os chamados discursos fundadores, cristalizando na memória do país estruturas imaginárias em processos de intersubjetividades, carregadas da história nacional que incidem em obras literárias, mitos e falas políticas. A composição dos sentidos revela, inevitavelmente, um traço ideológico. Apesar disso, P. Henry, um dos ensaístas, aponta o caráter filosófico do sentido, que não pode ser visto sem a pluralidade dos contextos discursivos, na medida em que não existe domínio de significado, mas efeitos ideológicos que podem ser constatados em sentenças como "Independência ou morte", como evidencia Orlandi e Guimarães. Sentenças essas sempre questionáveis, na medida em que não podemos deixar de existir sob as diferentes faces de nossa composição.

A busca de identidade do brasileiro foi amplamente estudada por modernistas desde a semana de 22, percurso conduzido até hoje por pesquisadores e artistas. A língua e o discurso configuram manifestos que questionam a natureza da verdade histórica fundadora, como é o caso da cultura negra que transporta um processo de resistência política desde a escravidão. Logo, o estudo da revista e dos autores ali publicados procura verificar os diversos sentidos que a poesia vem deixando como lastro no processo de criação de uma linguagem inovadora, diante das conquistas identitárias no campo étnico, sociológico e cultural. Leva-se ainda, como ponto positivo de análise, a possibilidade de diálogo contrastivo com outras culturas em função da pluralidade de vozes presentes de outros países.

Sabe-se que a abordagem discursiva implica nos efeitos produzidos pela representação, o que culmina, inevitavelmente, em análise política, na medida em que esta regula e se relaciona com estruturas de poder definindo como experimentamos o objeto de observação ou a linguagem com a qual entramos em contato. Será a partir dessa observação que Stuart Hall acentuará o conceito de representação como fundamental nos estudos sobre



cultura. A partir dele, a abordagem construtivista ganha fôlego desde a revisitação do legado saussureano às contribuições de Foucault sobre discurso e poder, recorrendo ainda ao mito como sistema de representação em contato com Barthes.

Hall (2016, p. 31) diz que “representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos”. É a partir dessa ideia de valores e/ou significados compartilhados que se pode trazer evidências das formas de estruturação dos discursos literários, ao longo das últimas décadas, que nos evidenciem o caráter de brasilidade que tem se constituído como preponderante na revista *Poesia sempre*.

Retomemos as epígrafes do artigo em diálogo com as acepções lexicais de "poesia" a partir de Holanda:

[Do gr. *poíesis*, 'ação de fazer algo', pelo lat. *poese*, +-ia.] S.f. 1. Arte de escrever em verso. 2. Composição poética de pequena extensão. 3. Entusiasmo criador, inspiração. Aquilo que desperta o sentimento do belo. 5. O que há de mais elevado ou comovente nas pessoas ou nas coisas (Holanda, 1999, p. 1593).

A poesia como linguagem infiltra os meandros da língua, em sua vária composição, e “designa o que jaz no abismo da fala” (Piñon, 2016, p. 125). Nesse entrelugar da sobrevivência e da formulação de teorias e conceitos o próprio caráter multilinguístico e multicultural funda as marcas de brasilidade e mantém o que há de universal. É interessante notar a partir dos semas supracitados o fato de conferirem sentidos que tem como raiz o conceito de *pathos* em Aristóteles, em que a imitação dos sentimentos do ator em cena provoca o movimento catártico necessário para o processo de aprendizagem.

Saussure, ao pensar o caráter de representação da língua pela escrita, impõe ao linguista o inevitável compromisso de se estudar a língua como produto social por meio da observação e comparação, de modo que possamos verificar o que nela exista de universal. Faz então referência sobre o distanciamento da língua em composição oral, porque o testemunho se pauta essencialmente pelos documentos em registro escrito. Há, desde aquele momento seminal, a evidência de que o discurso organizado em torno do prestígio da escritura esfacela as nuances fonológicas que tornam a língua viva. Esse pequeno apanhado de reflexões enlaça a importância atribuída ao texto poético produzido em diferentes gêneros como na revista nos é proposto também pela capacidade de provocar sob



faces culturais múltiplas o autoconhecimento do indivíduo-cidadão, bem como de suas necessidades de aprendizado, ainda que a batuta esteja nas mãos da grafia. A poesia, como evidenciada por Portela, escapa aos regimes ditados pela materialidade do texto.

O direito à literatura, para usar uma expressão de Antonio Candido, salta como caminho de uma dignidade que vai além do simples ato de fala, mas como integridade do sujeito em processo de autoconhecimento e valorização das diversas formas de manifestações artísticas, estéticas e culturais. Diante do pequeno cenário aqui exposto, pode-se lembrar ainda de Bechara, quando diz que devemos ser políglotas em nossa língua. No entanto, há uma evidente carência nos meandros da formação plena do cidadão brasileiro que deveria se expandir, em paralelo, como cidadão do mundo.

Sabe-se que, no Brasil, as políticas públicas não alavancam o real acesso ao conhecimento literário. A Revista *Poesia sempre*, de acordo com o editor-chefe Antonio Carlos Secchin¹, quando do lançamento em 1993, tem por objetivo ampliar o olhar sobre a diversidade da produção da poesia no Brasil e no exterior. Fundamenta-se na democracia, sem atender especificamente a nenhum grupo em âmbito literário ou político. Tal intuito pareceu relevante às demandas contemporâneas em que muito se discute a necessidade de novas pautas que reivindiquem o amplo conhecimento sobre a diversidade identitária, étnica, social e cultural. Além disso, consente ao cidadão brasileiro uma formação plena, não só visando as práticas e metodologias educacionais no sentido escolar, mas também a relevância sobre a constante atualização por meio da pesquisa e do acesso a bibliotecas e/ou instituições que assegurem a seriedade crítica sobre temas atuais e históricos.

O reconhecimento da pluralidade linguística e cultural transporta para todos e todas a capacidade de se constituir em fluxos contínuos de semioses na contemporaneidade, permitindo-os o multiperspectivismo do olhar, bem como a atitude consciente no processo de autogerenciamento na construção do conhecimento individual e universal.

O Brasil do carnaval e do futebol passa a ser também o Brasil do livro, da pesquisa e da educação. Não há nenhum demérito de quaisquer manifestações culturais, senão a evidência de que todas as faces sustentam um país, de que a palavra e a arte também são símbolos de poder em âmbito nacional e internacional. Uma de nossas maiores escritoras, Carolina Maria de Jesus, levantou a bandeira do apreço pelo livro e pela escrita - motivos de suas noites sem dormir para registrar a dor dos viventes universais e brasileiros - numa poeticidade rica e de manifesto amor pela língua portuguesa-brasileira, materialidade de



seu povo e de sua origem, bem como de todos aqueles que por aqui estiveram ou nasceram. A fome da autora do Brasil se consagra pela tontura que nos faz e nos fez caminhar.

Recentemente, o primeiro editor-chefe da revista *Poesia sempre*, numa atitude, podemos dizer, histórica, recusou a medalha de Ordem do Mérito do Livro entregue pela Biblioteca Nacional. O posicionamento se uniu ao de outros intelectuais como: a escritora e roteirista Adriana Falcão, o historiador José Murilo de Carvalho, o historiador Arno Wehling, a escritora Mary del Priori e o escritor Marco Luchesi (hoje presidente da Biblioteca Nacional). A resistência foi motivada pela atribuição da honraria a pessoas não envolvidas com a cultura brasileira, bem como produtoras de discursos ultradireitistas. Antonio Carlos Secchin declara (2022): “Se constituirá na celebração de uma única diretriz política, agraciando pessoas sem relação com livros, biblioteca e cultura”. Em diálogo, a escritora Nélida Piñon, que aceitou a medalha, declarou a vontade de manter o respeito pela Biblioteca sob a defesa de que ela “não é do governo, mas do povo brasileiro”.

O estudo inicial da revista *Poesia sempre* localiza uma necessidade de problematizar o caráter da história recente da poesia brasileira. Apesar de não constituir diretamente um movimento no sentido clássico de Manifesto, revela uma extensão de muitos dos debates e consequências em torno das propostas do Modernismo. Reafirma a importância do levantamento de periódicos como espaço essencial para se pensar o espírito literário de uma época, como ficou evidenciado desde os estudos de José Aderaldo Castello.

Segundo Roselis Oliveira de Napoli, ao discorrer sobre o *Projeto de Estudo de Periódicos* no IEB:

[...] um dos aspectos mais importantes da investigação e da pesquisa histórica, sem mencionar os levantamentos, em arquivos e bibliotecas, de inéditos e dispersos e de éditos que exigem edições criteriosas, a partir da fixação dos textos, é o estudo da evolução das ideias críticas, atitudes e preferências que marcam e caracterizam os sucessivos movimentos literários entre nós, já não digo desde o período colonial, mas sobretudo do Romantismo para cá. Nesse caso, o campo principal a ser explorado é sem dúvida o representado pelos periódicos – revistas e jornais tidos como expressão de “grupo literário” fechado ou aberto nos limites ou não de sua respectiva geração (Napoli, 1970, p. 5).

Com isso, entende-se essa raiz de pesquisa como fundamental para as reflexões ora apresentadas, levando-se em consideração a temporalidade da revista *Poesia sempre* nesta virada de século e o fato de ainda estar em pleno diálogo com a produção literária no século XXI.



Tania Regina de Luca, em trabalho intitulado *A Revista do Brasil: um diagnóstico para a (N)ação*, se detém ao estudo de periódico do início do século XX. O caráter de brasilidade também é mote para as pesquisas da autora, pensando ali o centenário da Independência, que aqui podemos correlacionar ao bicentenário recentemente comemorado, de modo a denotar as particularidades neste momento de transição artística brasileira que, mais uma vez, provoca a discussão sobre a nacionalidade. O projeto busca o contato com a língua, com a etnia e com a história, que se pretende ampliar para o olhar discursivo e estético, sempre atravessados pela motivação sociocultural, com o intuito de vislumbrar os caminhos deste novo século e, ainda, promovendo novas perspectivas de atuação no campo da crítica literária.

Política cultural literária

Não devemos esquecer de que, desde o início deste século, há um avanço descontrolado da tradicional política militar e das forças ultradireitistas, que constroem flagrante desrespeito às especificidades dos povos e, em consequência, de suas culturas. O lado positivo e esperançoso fica por conta das migrações que, do ponto de vista humanista-filosófico, podem promover relações mais fraternas e justas marcadas pelas possibilidades abertas historicamente pelo atentado de 11 de setembro, que nos serve de marca da virada cognitiva, etnocultural e artística como extensão dos atos promovidos a partir da queda do muro de Berlim.

O processo de migração, que reivindica novas formas de representar o caráter multicultural, é matéria farta para os estudos de várias ciências desde o início do século XX. Se acentua em regime intenso desde a virada para o jovem século - um "novo mundo" que nos parece (re)configurado sob os algoritmos da globalização. Em livro denominado *O cosmopolitismo do pobre*, Silviano Santiago tece ponderações de valor significativo para suplementarmos as contradições da tradição da literatura do Brasil, cosendo ideias dos intelectuais que se lançaram à dificultosa jornada de intérpretes do nosso território. Acentua uma espécie de privação que nos confronta no processo de trânsito cultural de diversos discursos. Paradoxalmente, distancia-se, na aproximação, dos conceitos tradicionais e político-partidários, minimizando a visão reduzida e clássica da globalização para trazer luz aos impactos que negociam com o excludente nacionalismo.



Façamos um pequeno recorte do ensaio “Atração do mundo: políticas de globalização e de identidade na moderna cultura brasileira”:

[...] temos movimentos sociais que expressam simpatia pelas conquistas políticas articuladas pelo multiculturalismo. Em contexto diferente ao da sociedade norte-americana, as ideias expressas pelos multiculturalistas anglo-saxões têm servido para articular movimentos de liberação social, política e econômica, necessariamente setorizados, cujo pressuposto básico se alicerça no modelo de liberdade e igualdade para todos, inspirado na luta pública pela cidadania, que tomou corpo na década passada por ocasião dos comícios onde o povo exigia as eleições diretas para a presidência da República para pôr fim à ditadura militar. A política dos multiculturalistas, corretamente chamada de busca de identidade cultural por parte de grupos minoritários, é em geral gerenciada por verbas concedidas por Fundações estrangeiras a programas especiais da universidade brasileira e pelas ONGs, estas por sua vez como forte coloração religiosa (Santiago, 2008, p. 39).

Passamos, como aponta Santiago, por reivindicações que vão desde as pautas étnicas às batalhas da sobrevivência em terra de "pobreza, miséria moral e violência". A política de identidade cultural se entrelaça à Constituição, que deveria reconduzir as ações do Estado. Malbaratados pelo processo de globalização, os cidadãos tornam-se consumidos pela radicalidade dos poderes do Estado.

A condução das políticas culturais no Brasil partiu progressivamente de uma necessidade histórica, desde a década de 1960, quando tivemos um avanço dos governos autoritários pela América Latina. O aceno da revista *Poesia sempre* aos vizinhos, que se expande aos outros continentes, serve-nos de arcabouço para a atitude político-diplomática que atribui ao Brasil o desenvolvimento discursivo de suas faces de valor intelectual e artístico, que no diálogo também possui a independência do pensamento crítico e suplementar para o próprio crescimento em âmbito nacional e internacional.

Discurso e representação

Quando falamos em cultura, é preciso entender a relação com o não lugar. A capacidade de criar do ser humano atribui diferentes significados de acordo com o momento discursivo e a importância que se requisita em um dado momento histórico. A perspectiva é válida, de pronto, para pensarmos o Brasil com imagem fixada em termos ainda muito reduzidos a propósito de sua riqueza cultural e simbólica, que em expansão poderia alçá-lo a voos mais consentâneos com a capacidade de edificar pensamentos de forma



independente e em correlação com o observado da realidade de outros países e/ou continentes. As reservas, como se é pressuposto, revelam-se pelas marcas de país colonizado, que aceita receber as imagens convenientes ao público externo. Tomar posse de si mesmo seria assimilar a água benta do processo de catequese no começo do século XVI em diálogo com os rituais de passagem indígena e com os batuques afrodescendentes mais bem acomodados no século XXI.

Dialoguemos também com o ensaio "A base da cultura: o símbolo", de Leslie A. White, quando diz sobre o valor selecionado para um objeto que não está diretamente relacionado com os sentidos humanos. A água benta não ganha significado pelo sabor, mas por uma realidade antropológica, no caso religiosa, que a distingue pelo uso que lhe é atribuído. Vejamos que, na entrada do colonizador no Brasil, que serve a água também como projeto político, a cultura indígena tem como princípio banhar os deuses em rio com o intuito de averiguar a resistência do corpo - se os brancos não entrassem em estado de putrefação significaria que de fato a eles pertencia a palavra dos deuses.

A atitude instintiva indígena está diretamente relacionada à natureza e à experimentação, ao mesmo tempo creditando a possibilidade de uma verdade ao branco sob sua prática de inseminação pela palavra e pela simbologia diferenciada da água benta em consonância com a água do rio. Voltemos ainda a White quando reflete sobre o caráter físico e biológico, bem como sobre as imagens relativas ao lugar:

(...) quando tentamos explicar diferenças e variações culturais relacionando-as ao tipo físico, a única suposição segura é que a constituição biológica do homem pode ser vista como uma constante. Ora, variáveis não podem ser explicadas com base em constantes. Não existe correlação entre qualquer tipo físico e qualquer tipo de cultura.

Vejamos agora as variações relativas ao lugar. As culturas diferem com o lugar. Toda cultura existe, é claro, em um hábitat real. Tem de haver uma relação íntima entre uma determinada cultura e o hábitat onde ela se desenvolveu. Nem por isso se deve exagerar a influência do hábitat sobre tipos de culturas. O fato de que muitas culturas mostram uma influência do ambiente engendrou teorias exageradas de determinismo ambiental ou geográfico. O fato de que há alguma influência levou alguns estudiosos a afirmar que as condições geográficas e ambientais determinam as culturas (White, 2009, p. 40).

De forma geral, há um enraizamento de conceitos sobre o Brasil que não se funda nas habilidades também de pesquisa, educação e arte a partir dos olhares indígenas e afrodescendentes. Para estes, a relação justa de política cultural, que pressupõe a troca e o respeito mútuo como símbolo de resiliência, desenvolvida em capacidade de adaptação e



flexibilidade, ainda é muito tênue e, em contrapartida, necessária para as demandas contemporâneas. Tal é a importância das revistas como suportes de investigação dos novos horizontes histórico-literários.

Stuart Hall, ao falar sobre os significados compartilhados, aponta o caráter de transição da linguagem para o discurso, a partir de Foucault, como sistema de representação. O termo “discurso”, que usualmente seria usado como conceito linguístico, conectando textos escritos ou falados, ganha um significado diferente, na medida em que passa a ser regulado por períodos históricos. Sendo assim, o discurso passa a fazer sentido dentro de um contexto, influenciando a conduta dos envolvidos à época de suas produções:

O mesmo discurso, característico do jeito de pensar ou do estado de conhecimento em qualquer tempo (o que o autor chamou de *episteme*), aparecerá em uma gama de textos, e como forma de conduta, em um número de diferentes campos institucionais da sociedade. No entanto, cada vez que esses eventos discursivos “se referem ao mesmo objeto, compartilham o mesmo estilo e (...) apoiam uma estratégia (...) em uma direção e padrão institucional, administrativo ou político comuns” (Cousins e Hussain, 1984: 84-85), então Foucault diz serem eles pertencentes a uma mesma **formação discursiva**. Significados e práticas significantes são, portanto, construídos dentro do discurso (Hall, 2016, p. 80).

A construção do discurso, em vez de método democrático de compartilhamento de significados, muitas vezes ganha o caráter de controle político. No Brasil, sob a perspectiva da cultura, é de se destacar como a vontade de colonização dos comportamentos ainda impera. Exportamos como experiência imagens reduzidas do próprio carnaval (sem considerar a historicidade) e do futebol. É questionável, desse ponto de vista, o poder da “retórica da imagem”, recorrendo a Roland Barthes - também pensado em Stuart Hall. A entrega da mensagem brasileira sobre o seu significado fica quase sempre a cargo da performance exigida por uma política econômica que é regida pelos interesses externos.

A compreensão discursiva acontece quando um determinado objeto se coloca em cena e para ele é construído um significado. Hall apresenta como exemplo a atitude de um pedreiro ao solicitar o tijolo a um colega e, em seguida, ao modo como irá assentar o tijolo. O primeiro ato seria linguístico, enquanto o segundo seria extralinguístico. No entanto, não podemos esgotar a realidade de ambos por meio de uma distinção ou oposição - ambas as operações constroem o muro (Hall, 2016, p. 126). O mesmo se dá com a bola em processo de significação do futebol, ou, no caso do Brasil, o carnaval representado pelo corpo feminino. Há um processo de redução dos significantes com o objetivo de comportar discursos pré-



concebidos e exigidos pelo mercado externo sobre nossa cultura, que pouco revela dos modos de fazer esportivo e artístico.

Ainda que a existência dos objetos culturais seja independente de sua articulação discursiva, a ação sobre o sentido desses objetos é de extremo valor social. Aceitar um significado atribuído também nos traz consequências a serem questionadas. Essa dependência classificatória e histórica nos limita em termos culturais, sociais, econômicos, étnicos, educacionais, biológicos, dentre outros. O debate é amplo e, quase sempre nebuloso, mas nos permite transpor certos entraves que nos são impostos.

O gesto cultural e diplomático da revista *Poesia sempre* coloca de modo exemplar uma chamada para a agenda contemporânea, fazendo-se refletir sobre as possibilidades de novos palanques para a diversidade brasileira, assim como para a vontade amistosa da conversa.

Considerações finais

O primeiro volume da revista *Poesia sempre*, nas palavras de Márcio Souza, destaca desde a introdução a dificuldade de enfrentamento da poesia em espaço comercial e a vontade de apresentação de autores de qualidade que não estejam no pacote de editoras de renome - em função de uma tendência quase sempre elitista do mercado. Esta fortalece a abertura de espaços múltiplos de publicação que asfixiam os talentos literários por não possuírem o crivo do leitor especializado (Souza, 1993, p. 8).

Ainda que a crítica positiva ou negativa seja democraticamente questionável, há de se entender a importância da expertise do público em todas as áreas de atuação profissional. A criação de canais desde aquela década de 90 se ampliou com a internet, o controle da qualidade se tornou insustentável. A revista revela uma atitude equilibrada ao buscar equidade no julgamento literário.

Num segundo plano, há partes dedicadas a ensaios, artigos, resenhas, entrevistas e depoimentos sobre o processo de criação. Movido pela voz da literatura brasileira no decorrer dos anos de publicação da revista, o volume de nascimento se nos apresenta em diálogo com a literatura hispano-americana, que abarcará no futuro (ainda presente) vários continentes e países. Para a atitude fraterna, diplomática e cosmopolita parece exemplar o poema de abertura do mineiro Abgar Renault, intitulado 'Sou tu', segue o fragmento: "Sou



eu pretérito no teu presente:/sou eu sob os mil e mil disfarces do teu prodígio: sou tu imaginadamente”
(Renault, 2003, p. 17).

Há uma intenção desta pesquisa de apresentar uma possibilidade de ressignificação das identidades brasileiras, de suas políticas culturais e da renovação da história literária. Além disso, aponta para a linguagem poética como caminho comum da conversa na qual o Brasil se desvela, a propósito dos modernismos, pelas tônicas (não menos agudas) vertentes do comportamento social, político e estético do brasileiro.

Referências:

ASSIS, M. de. **Obra Completa em quatro volumes**: volume 3. Org. Aluizio Leite Neto, Ana Lima Cecilio, Heloisa Jahn. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Companhia Nacional, 1965.

COHN, S. **Revistas de invenção**: 100 revistas de cultura do modernismo à atualidade. Org. Sérgio Cohn. 1. ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

DE LUCA, T. R. **A Revista do Brasil**: um diagnóstico para a (N)ação. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

DOSSE, F. História do tempo presente e historiografia. In: **Tempo e Argumento**. Santa Catarina: UDESC, 2012. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3381/338130378002/html/>. Acesso em 04 ago. 2023.

HALL, S. **Cultura e representação**. Org. e Revisão Técnica: Arthur Ituassu; trad. Daniel Miranda e Willian Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOLANDA, A. B. de. **Novo Aurélio do século XXI**: o dicionário da língua portuguesa. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: 1999.

JESUS, C. M. de. **Quarto de despejo**: diário de uma favelada. 10ª Ed. Rio de Janeiro: Ática, 2019.

KHOURI, O. **Revistas na Era Pós-Verso**: Revistas Experimentais e Edições Autônomas de Poemas no Brasil dos anos 70 aos 90. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

MUJICA, M. M. Building resilient and sustainable cultural and creative sectors. Re/Shaping Policies for Creativity - Addressing culture as a global public good. UNESCO, 2022.

NAPOLI, R. O. de. **Lanterna verde e o modernismo**. São Paulo: Instituto de Estudos Brasileiros, 1970.

ORLANDI, E. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. 2ª Ed. Campinas: Pontes, 2001.

PETRY, F. F. Estudos de periódicos no Brasil: casos IEB e NELIC. **Boletim de Pesquisa NELIC**, v. 10, n. 15 - Entre revistas e jornais: literatura e crítica, p. 50-73, 2010.



PIÑON, N. **Filhos da América**. Rio de Janeiro: Record, 2016.

SANTIAGO, S. **35 ensaios**: seleção e introdução de Ítalo Moriconi. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SANTIAGO, S. **O cosmopolitismo do pobre**. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

SAUSSURE, F. de. **Curso de linguística geral**. Org. Charles Bally e Albert Sechehaye. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SECCHI, L. **Políticas públicas**: conceitos, esquemas de análise, casos práticos. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

SECCHIN, A. C. **Poesia Sempre**. Ano 1. n. 1, jan. 1993. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento Nacional do Livro, 1993.

SOARES, M. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 81, p. 143-160, dez. 2002.

SILVA, M. A. W. da. O projeto de estudos de periódicos do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**. São Paulo, n. 21, p. 117-122, 1979.

WHITE, L. A. O conceito de cultura. Trad. Teresa Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

INTELECTUAIS recusam medalha da Biblioteca Nacional e criticam homenagem a golpistas. **Hora do povo**. 4 jul. 2022. Disponível em: <https://horadopovo.com.br/intelectuais-recusam-medalha-da-biblioteca-nacional-e-criticam-homenagem-a-bolsonaristas-golpistas/>. Acesso em: 10 ago. 2022.

Anexo: entrevista com Antonio Carlos Secchin

1. Como o senhor vê, hoje, com distanciamento, sua participação na história da revista *Poesia sempre*?

Secchin: Affonso Romano convidou-me para ser o criador/editor da revista, e praticamente todas as ideias que tive foram incorporadas ao projeto, com o apoio do então presidente da Biblioteca Nacional. Essa abertura para a poesia de outros países ficou como uma das marcas da revista, sendo importante assinalar que ela também acolheu nomes brasileiros, novos e antigos, para além do eixo Rio-São Paulo. Nela todas as “tribos” poéticas tiveram guarida, e isso se manifesta na constituição do conselho editorial da publicação.



2. Como vê a proposta da Revista sob o olhar cultural contemporâneo, diante dessa profusão de poemas que nos invadem as telas, principalmente em redes sociais?

Secchin: Hoje, felizmente, não é mais necessária a existência de um periódico para se ter acesso à poesia de qualquer lugar ou qualquer época. Isso, se de um lado facilitou enormemente a produção de poesia (mais do que o seu consumo), por outro lado dificultou a avaliação do que se produz. Daí a importância das revistas, com um conselho editorial, responsável pelo crivo (certo ou equivocado a História dirá) dessa imensa quantidade de textos que circulam.

3. O que avalia como positivo no retorno da revista em 2023 depois de quase uma década sem lançamento de um novo número?

Secchin: Ainda não tive condições de conhecer mais detidamente a nova fase, mas espero que tenha conservado o compromisso com a expressão da pluralidade que era sua marca anterior.

4. Sabemos que, na história da poesia brasileira, muitos escritores foram protagonistas de revistas de grande circulação (principalmente no início do século XX) que se coadunavam com movimentos políticos para além da arte literária. De que maneira sua produção artística recente se relaciona (ou não) com as atividades da Academia Brasileira de Letras, que entra em cena cultural brasileira tal qual à época de Graça Aranha, coroada com a conferência "O espírito moderno"?

Secchin: Minha produção poética não se vincula diretamente a qualquer projeto cultural por mim desenvolvido na Academia ou em outra constituição. Meu único compromisso inarredável continua sendo com a linguagem.

